

AS PROFUNDEZAS DO INTANGÍVEL

Relações entre o anti-semitismo religioso e o anti-semitismo “científico” na justificativa nazista para a *Shoah*

Rodrigo Medina Zagni*

Vós que viveis tranqüilos / Nas vossas casas aquecidas / Vós que encontráis regressando à noite / Comida quente e rostos amigos: / Considerai se isto é um homem / Quem trabalha na lama / Quem não conhece paz / Quem luta por meio pão / Quem morre por um sim ou por um não / Considerai se isto é uma mulher / Sem cabelos e sem nome / Sem mais força para recordar / Vazios os olhos e frio o regaço / Como uma rã no inverno. / Meditai que isto aconteceu / Recomendo-vos estas palavras. / Esculpi-as no vosso coração. / Estando em casa andando pela rua / Ao deitar-vos e ao levantar-vos; / Repeti-as aos vossos filhos. / Ou então que desmorone a vossa casa / Que a doença vos entreve, / Que os vossos filhos vos virem a cara ...

É isto um homem? - Primo Levi

Buscar as raízes do anti-semitismo para compreender os determinantes causais do processo que levou ao extermínio de aproximadamente 6 milhões de judeus, no evento mais corretamente nominado como *shoah*, surge, de início, um perigo: nominar o inominável, reduzindo a esquemas explicativos algo que desafia a compreensão humana pelo potencial destrutivo ali liberado, furtando da história a experiência vivida pelas vagas de humanidade estigmatizadas e que pereceram, retirando-lhe sua carga de dramaticidade. Seu resgate, como já alertara Primo-Levi, é impossível: tratam-se daqueles que “tocaram o fundo” e não retornaram para nos contar; os que voltaram e deram seu testemunho não viram a face das “górgonas”. O perigo é portanto cair em simplismos, chegando a termos explicativos de funcionalidade lógica que nem de perto tateiam a condição humana, cerne do problema.

Como entender em bases científicas o que a própria razão não consegue conceber, pois na “Solução Final” a própria razão teria perdido suas referências? Como medir e computar o horror, para o qual, segundo Uri Zvi Grinberg, não há medida?

Isso porque as conclusões lógicas, seguintes às especulações sobre o extermínio dos judeus, desafiam a capacidade humana de aceitar que homens pudessem ultimar o abominável.

Não o faremos coletando e ordenando componentes que tipificam a barbárie; mas articulando processos históricos concatenados, que em determinado momento, quando reunidas as condições necessárias para ultimar o projeto de extinção do povo judeu, convergiram para um só evento: a *shoah*.

Busquemos então identificar e qualificar esses processos, que não se desenvolveram de forma autônoma, mas inter-relacionada. Como nexos estruturais de sentido: mito, religião, técnica e ciência, desvelam-se como componentes híbridos, não auto-excludentes.

* Historiador graduado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da USP, na linha de pesquisa em Práticas Políticas e Relações Internacionais; docente dos cursos de Ciências Sociais, Economia e Direito da Universidade Cruzeiro do Sul; líder do grupo de pesquisa “Conflitos armados, massacres e genocídios na era contemporânea” e pesquisador da linha “Holocausto e Anti-Semitismo” do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da Universidade de São Paulo.

E foi assim, anunciamos de início, que o mito da supremacia ariana alimentou a ciência da morte, frente a inimigos comuns: mais gravemente o judeu.

Foi preciso Pierre Auger esclarecer que mito e ciência não são dimensões eqüidistantes da compreensão humana, que há uma mitologia da ciência assim como uma ciência proposta a resolver os mitos, para que pudesse seguir adiante sem esquartejar nosso objeto, o anti-semitismo, em partes constitutivas dissociadas: religião e ciência¹.

Mito e ciência são faces complementares do processo histórico em tela. Não que religião e mito sejam sinônimos, tanto é que para tratar de mitologia nórdica e nazismo, está mais para religião o nazismo, a partir da incorporação dos mitos nórdicos pré-existentes.

Pensamos ser honesto, nesta etapa introdutória, dizer que nem por meio da teoria, nem por meio da religião, entenderemos a “Solução Final”. Caso essa compreensão se anuncie ao término dessa leitura, corremos o risco de termos sido simplistas.

Mas ainda que perigoso, o exercício é fundamental por vários motivos.

O fenômeno do anti-semitismo, apesar de antigo, guarda correspondências com processos que se desenvolveram ao longo do século XIX na Europa, como o eugenismo. Relacioná-lo com movimentos mais amplos, que estigmatizaram outros atores sociais além dos judeus, buscando as especificidades do caso judeu, nos permite esquadrihar suas dimensões e inserí-lo num quadro mais complexo, uma vez que o próprio discurso eugênico (que envolveu uma gama diversificada de processos morticidas) validaria, epistemologicamente, a morte como política de saúde pública na Alemanha nazista.

A satanização pura e simples de personagens históricos como Hitler e figuras centrais na hierarquia nazista, impossibilita entender o anti-semitismo como produto de toda uma sociedade, de seu tempo e de sistemas culturais nos quais a intolerância gozava *status* já de tradição. Não se trata de inocentá-los, tampouco de convocar muitos outros a sentarem no banco dos réus da História, mas chamar o leitor à consciência de sua existência. Culpados por incontáveis crimes contra a humanidade, os líderes nazistas receberam ainda a culpa da qual se eximiram todos os outros: a culpa pelo silêncio, pela conveniência e até mesmo pelos lucros aferidos com a bestialização não só de judeus, mas de todos que experimentaram a intolerância nazista. E, nesse contexto, não houve apenas os que se calaram, mas os que utilizaram judeus como escravos em indústrias que ainda hoje não reconheceram a prática, tampouco indenizaram seus ex-escravos ainda vivos.

A Alemanha reuniu as pré-condições para que, ali, o anti-semitismo levasse à “Solução Final”, mas não detinha o monopólio do anti-semitismo no mundo, tampouco sobre os movimentos a ele relacionados, como a eugenia, que surgiu na Inglaterra detentora do “fardo do homem branco” e do direito de civilizar todo o resto: compreendido como barbárie. A Europa “branca” e “cultura” era tal qual a Roma antiga, que ao se expandir, subjugando inferiores, entendia estar levando-lhes a luz. Isso para dizer que mesmo não tendo engendrado políticas de morte contra os judeus, outros países reuniram grande número de pré-condições, não na totalidade das desenvolvidas pela Alemanha (o que levou à *Shoah*), mas suficientes para denotar o imenso potencial destrutivo da própria Europa: suicida, como definira Poliakov². Ainda que não tenha sido liberado, levaram ao silêncio e à aceitação sobre a morte dos judeus. Suficientes portanto para marcar um grau relevante de cumplicidade.

Conhecer sem simplificar é de fundamental importância dada a visibilidade que vem sendo alcançada por uma literatura revisionista, que só encontra campo fértil no

¹ "A ciência e os mitos"; in: *Ciência e mitos*. Rio de Janeiro: FGV, 1975, pp. 119-137.

² *A Europa Suicida: 1870 -1933*. São Paulo: Perspectiva, 1985, *passim*.

ideologismo daqueles a quem falta o componente histórico³. Velha fórmula: o revisionismo ganha o mesmo espaço que o mito, no abismo da irracionalidade, ainda que seus argumentos tentem ser ancorados numa base pseudo-lógica, está de fato inscrito numa dimensão da compreensão humana pouco visitada pela razão: a tradição e a cultura, nesse caso, da intolerância. Trata-se aqui da intolerância categórica, segundo definiu Humberto Eco, aquela que leva a um racismo teórico, tão ou mais nocivo quanto a intolerância selvagem⁴.

Gabriel Josipovici nos alerta sobre a necessidade de ir além do mito, substituí-lo pela educação e pela História, dissipando-o e com isso diminuindo o campo da ação revisionista. Contudo, não estaríamos longe do perigo no extremo oposto: a obsessão pela própria História. Ambos, afirma Josipovici, são patológicos⁵. Isso porque não se deve visitar o passado para envenenar o presente, do contrário nada construiríamos senão a intolerância ao intolerável e, aí, não seríamos nada melhores que os intolerantes. As vítimas não estariam sendo homenageadas, mas vingadas, e não há nenhuma vitória moral nisso.

Preencher lacunas de desconhecimento é, nessa perspectiva, a via de reversão dos quadros de intolerância anti-semita vigentes hoje em sociedade, e que encontram formas de organização política numa velha Europa que muito deveria ter aprendido com seus graves erros no passado. Referimo-nos tanto à NPD alemã, de Peter Marx, quanto à Frente Nacional Francesa, de Jean Marie Le-Pen.

Por fim, o maior dos desafios: compreender que, entre humanizar e desumanizar, os nazistas não eram desumanos (em termos categóricos, manifestaram ao extremo o poder destrutivo de que é capaz a própria humanidade), mas empreenderam políticas sistemáticas para arrancar violentamente de outros sua humanidade: judeus, eslavos, ciganos, doentes mentais, deficientes físicos, negros, comunistas, maçons, Testemunhas de Jeová e homossexuais. Trata-se de negar o outro como humano, a intolerância conforme a definição dada por Françoise Héritier⁶, como plena expressão de ausência empática. Mas os desumanizados não foram somente as vítimas, os perpetradores, soldados nazistas, passaram por processos também de coisificação, para que pudessem ser autores do morticínio.

Ocorre que não se pode tornar inumano o humano, como defendeu Bertold Brecht ao referir-se à superioridade, na guerra, de tanques e aeronaves em relação aos soldados que, por sua consciência, tenderiam a falhar em suas missões assassinas. O bestializado não é besta, é homem; e o algoz assassino tem que fechar os olhos à noite e lidar com os fantasmas daqueles cuja vida ceifou, porque também é humano. Das máquinas de guerra, conforme disse o mais brilhante poeta do socialismo, o homem é o que mais “dá defeito”⁷.

³ Importantes considerações sobre esse revisionismo historiográfico sobre a *Shoah* podem ser encontrados em dois textos: de KRAUSE-VILMAR, Dietfrid. “A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo: desafios para a ciência e para a educação política” ; e de MILMAN, Luis. “Negacionismo: gênese e desenvolvimento do genocídio conceitual”; ambos In.: MILMAN, Luís; VIZENTINI, Paulo. *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.

⁴ “Definições Léxicas”; in: *A Intolerância: Foro Internacional sobre a intolerância*, UNESCO, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, pp. 15-19.

⁵ “Repensando a memória: de mais / de menos”; traduzido por Alexandre Feldman, *mimeo*.

⁶ “O eu, o outro e a intolerância”; in: *A Intolerância*. Op. Cit. pp. 24-27.

⁷ Refiro-me ao trecho do poema: ““O vosso tanque, general, é um carro forte / Derruba uma floresta, esmaga cem homens, / Mas tem um defeito / - Precisa de um motorista. / O vosso bombardeiro, general / É poderoso: / Voa mais depressa que a tempestade / E transporta mais carga que um elefante / Mas tem um defeito / - Precisa de um piloto. / O homem, meu general, é muito útil: / Sabe voar e sabe matar / Mas tem um defeito: / - Sabe pensar”, de Bertold Brecht.

Assim sendo, ainda que objeto de políticas sistemáticas de desumanização, como uma educação militarizada e códigos rígidos de conduta uniformizados, não se anula do soldado ao general seu livre arbítrio. A força das circunstâncias, por maiores que sejam as pressões que derrubem sobre o indivíduo, não o impossibilita de dizer não: pagar o preço por suas escolhas ou não, é o que indica a valoração do homem, por conveniência ou abnegação. Sun-Tzu já dissera ser preferível estar entre os perseguidos do que entre os perseguidores, por quão confortável seja a condição de perseguidor e, conclusivamente para este propedêutico raciocínio: não há perseguidores inocentes, há “Mephistos” em toda a contemporaneidade.

De qualquer forma, arvorar-se da condição de ser humano superior, ou de único portador de humanidade, torna possível entender porque para a mãe que envenenou seus próprios filhos antes de colocá-los para dormir, beijando-lhes docemente a face, o fez porque, na sua visão de mundo, a civilização ruía com a derrocada do nazismo e o que adviria seriam as invasões bárbaras⁸.

O anti-semitismo moderno

No período recente, do anti-semitismo disseminado culturalmente à *shoah*, inscrevem-se como componentes constitutivos o mito cristão do deicídio, o romantismo alemão e uma nova fé inabalável, desta vez na ciência.

Não há como ignorar a imagem construída socialmente do “eterno judeu”, antes dos nazistas, pelos cristãos: culpados pela usura, pelo próprio judaísmo como heresia, violentados em suas crenças e cultos e impossibilitados de serem incorporados plenamente como cristãos-novos, aos judeus estavam reservadas as fogueiras medievais e modernas, a expropriação de seus bens, o desterro e a secreticidade como via de resistência.

O romantismo alemão, que incorporou em larga medida elementos da mitologia germânica, fez circular o anti-semitismo nas artes, desde as óperas de Wagner (que tinha como extensão seus textos políticos, de caráter notadamente anti-semita), à pintura e às letras (as novelas alemãs, por exemplo, nas quais está presente a figura do “inimigo hereditário”).

O componente que faltava, para validar o anti-semitismo como política de Estado, era a fé na ciência e suas possibilidades, uma ciência que se propunha resolver os mistérios e desígnios da própria fé.

Eugenia, Antropologia Rácica e Sociologia Genética, baseadas nas convicções do Darwinismo Social, prometiam redimir o homem moderno da decadência de sua espécie, fazendo-o regressar à condição de Homem-Deus, figura presente na mitologia nórdica e que teria decaído por meio da miscigenação.

Mito, religião e raças

No caso alemão, a religião esteve, desde tempos imemoráveis, intimamente ligada à idéia de raça. Não nos referimos ao cristianismo, mas às antigas crenças nórdicas aclamadas pelos ocultistas alemães do século XIX e início do XX. O cristianismo, sob o nazismo, seria preterido por saberes muito mais antigos, contudo, a figura do eterno judeu atravessaria a ambas as cosmovisões religiosas.

A industrialização e a unificação política tardias deixaram para a sociedade alemã

⁸ Referimo-nos à Marian Goebbels, esposa de Joseph Goebbels, Ministro de Propaganda do *III Reich*, que na noite de 1º de maio de 1945 assassinou por envenenamento seus seis filhos: Helga, Hilde, Helmut, Holde, Hedda e Heide, antes de cometer suicídio.

problemas graves de inadequação de suas estruturas sociais aos novos processos de desenvolvimento econômico. Sua Revolução Industrial não contou com o componente do liberalismo; tampouco seu capitalismo com democracia. Não que liberalismo e capitalismo fossem os “remédios” para livrar a Alemanha de sua aristocracia semi-feudal; e no outro extremo, o comunismo se organizava ganhando os despossuídos e explorados, para o temor das classes dominantes. A coexistência entre uma aristocracia arraigada nos tradicionalismos, com os processos de modernização em curso; a ausência de uma burguesia nacional consolidada, cindida ainda entre industriais e banqueiros, em contraste com a conformação de um denso proletariado urbano entregue à desilusão com os adventos da modernidade, inacessíveis; levaram a uma crise de identidade que resultou num estranho fascínio por um passado ainda pouco claro.

O passado germânico, ao contrário do latino, carecia de documentos, de cronologias e de linearidade, campo fértil portanto para que o mito ocupasse o lugar da História. A falta do componente histórico, que daria a saber sobre esse passado, fez proliferar o interesse pelo ocultismo e por aqueles a quem o passado tivesse sido “revelado”, havendo uma relação muito próxima entre o ocultismo e as teorias rúnicas desenvolvidas no mesmo período.

O que há em comum, para os dois casos: seus mais proeminentes proponentes não vêm da Alemanha, mas da Inglaterra.

O livro “Fundamentos do Século XIX”, escrito pelo britânico Houston Stewart Chamberlain⁹, foi fonte de inspiração anti-semita tanto para místicos quanto para nacionalistas na Alemanha, referência ainda para os futuros fundadores do Partido Nacional Socialista Alemão, o Partido Nazista.

Em sua teoria, a história da humanidade é a da luta entre as raças, da qual despontava a suprema raça ariana, destinada a dominar o mundo. Continuada da raça teutônica, criadora do modelo de civilização para o Ocidente, seria dotada de capacidades sobrehumanas, legadas à posteridade mas que teriam desaparecido desgraçadas pela miscigenação.

A idéia de existência de uma “raça pura” se desenvolveu concomitantemente à idéia dos degeneradores da raça, papel imputado aos judeus e eslavos; motivo pelo qual, para Chamberlain, todo místico deveria ser obrigatoriamente um anti-semita.

Na Europa, a lealdade dos judeus já vinha sendo questionada pelo cristianismo há séculos, o que resultou em sua exclusão de diversos âmbitos da vida social. No final do séc. XIX na Alemanha, por exemplo, não eram convocados pelo exército, não podiam ocupar cargos no judiciário e nem no alto funcionalismo público.

O misticismo germânico teria no anti-semitismo sua principal correspondência com o nazismo. Na Alemanha, esse anti-semitismo ganhava novos contornos sob antigos deuses, uma nova ciência e uma política que prometia, por meio da eugenia, resolver questões mitológicas. Para religião, ciência e política, na Alemanha, o inimigo era o judeu.

Nesse contexto, o tratado de Chamberlain enunciava uma doutrina racial na qual os judeus seriam os responsáveis diretos por corromperem o sangue ariano. Culpados pela morte de Jesus, o deicídio, para uma visão religiosa que negava o cristianismo eram agora os culpados pela miscigenação racial que levou à decadência da raça ariana.

O resultado da proliferação do judaísmo seria tanto a degeneração física quanto moral do povo ariano. O remédio: purgar a Alemanha dos judeus e de demais raças “menores”, para restaurar a raça ariana à condição de homens-deuses. Era preciso

⁹ Encontramos uma edição em francês, disponível na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: CHAMBERLAIN, Houston Stewart. *La genese du XIX em siecle*. Paris : Payot, 1913.

restaurar a própria religião teutônica, na qual o sagrado era o sangue entendido como puro.

Os inimigos dos germânicos eram os judeus na Alemanha e os eslavos na Áustria. Fronteira com a Alemanha e com uma população que em grande parte partilhava idênticos sistemas culturais, a Áustria ficara de fora da união alemã pelas contendas entre distintas casas dinásticas, da qual saiu vencedora a casa prussiana dos Hohenzollern, que ultimou a unificação sob a política do “sangue e aço” de Otto Von Bismarck, preterindo os Habsburgos¹⁰. A guerra austro-prussiana, de 1866, anterior à própria unificação, já havia isolado a minoria alemã na Áustria-Hungria, cuja maioria era de eslavos.

Para os austro-germânicos, que já haviam sido os administradores do império Austro-Húngaro, a coexistência com a maioria eslava representava uma gravíssima ameaça à cultura germânica. A língua era “atacada” pela obrigatoriedade do idioma tcheco, além do alemão, em repartições públicas; a inserção de tchecos nos mais variados âmbitos da vida social austríaca, como igrejas, escolas e órgãos do poder público também eram entendidas da mesma forma como ameaçadoras.

A igreja, na Áustria, sofreu ainda maior rejeição que na Alemanha por parte dos nacionalistas pan-germânicos eslavófilos, acusada de comprometimento com os “inferiores eslavos”. Os cristãos, ali, engrossavam as fileiras do inimigo, enquanto se agigantava o pan-germanismo.

Da vontade de unificação e em defesa da cultura alemã, foram criadas diversas sociedades teuto-austríacas que exaltavam, no contexto do romantismo alemão, uma mitologia germânica antiga, bem como seu passado medieval. A Idade Média alemã era entendida como o período de glória daqueles que venceram os latinos no século V, não o de trevas conforme definira Petrarca, na perspectiva dos que amargaram as invasões bárbaras.

Uma das mais expressivas organizações de defesa da cultura alemã foi a sociedade *Germanenbund*, inspirada pelos escritos de Guido Von List, criador da ariosofia e que exaltava as antigas tribos teutônicas. A escrita germânica antiga, as runas, foi redescoberta por List e pela *Germanenbund*, e seus “segredos” publicados em 1908, no livro *Das Geheimnis der Runen* (o Segredo das Runas).

A defesa da cultura e do povo alemão, disperso em dois Estados e à mercê de inimigos raciais, conclamava a negação do cristianismo, o anti-semitismo, o ódio aos eslavos e judeus, o culto aos antigos deuses nórdicos e às leis da natureza. Ocorre que para essas antigas leis havia uma nova explicação sistêmica: o darwinismo, a partir da tese da sobrevivência do mais apto.

Enquanto na Alemanha o livro do inglês Chamberlain foi extremamente influente, na Áustria, um outro autor ganhava fanáticos adeptos. O escritor Jörg Lanz von Liebenfels, ou Adolf Joseph Lanz, como ficou conhecido, foi monge católico da ordem Cisterciense e mestre de Guido Von List; dentre seus escritos destacam-se o livro *Die Theozoologie* (Teozoologia), publicado em 1904, bem com o jornal “Ostara” que organizava, publicado mensalmente a partir de 1905.

Em 1909, Lanz recebeu a visita do jovem Adolf Hitler, até ali nada mais que um pintor mal sucedido em Viena e que procurava completar sua coleção do periódico, que já somava mais de 50 números.

Como pintor, a admiração por List não revela nada mais que a influência de seus escritos sobre os setores subalternos e recalcados da sociedade germânica; como *Führer*, a

¹⁰ Sobre a unificação alemã sugiro o artigo de ZAGNI, Rodrigo Medina . Sangue e aço: o processo de unificação dos Estados germânicos no império dos Kaisers. *Entre Passado e Futuro*, 2006, disponível no sítio: http://www.gtehc.pro.br/Textos/sangue_e_aco.pdf .

admiração de Hitler desvela um elo importante nas conexões que levaram ao assassinato em escala industrial ter sido planejado como política de Estado. Revela mais, a dimensão religiosa do próprio nazismo.

Lanz estava mais para os visionários do que Chamberlain. Dentre suas “visões”, que compuseram a doutrina que chamou de Teozologia, a raça ariana, quinta raça raiz da criação e composta por homens-deuses, teria se miscigenado com criaturas inferiores, bestiais, origem de sua decadência. As leis raciais que Lanz defendia, a exemplo de Chamberlain, constariam já nas leis das antigas tribos germânicas, destruídas pelo cristianismo e que precisariam ser recuperadas. Com isso, seria possível aos arianos regressarem à condição de homens-deuses e governar as demais raças.

A idéia se contrapunha à própria paisagem social austríaca, mais especificamente aquela da Viena cosmopolita e de sua diversidade étnica: o caos para Lanz e para tantos de seus austro-germânicos, dentre eles, seu jovem leitor, Hitler.

A exemplo do inglês, propôs políticas que levariam à purificação do sangue germânico. Dentre seus argumentos, que livremente circulavam no jornal, constava a proposta de escravizar ou esterilizar os mais pobres, por serem menos aptos; a proibição do casamento entre germânicos e judeus; a escravização de judeus e sua insineração. Seus argumentos foram lidos e muitas de suas propostas, lamentavelmente, realizadas. Sua difusão se deu não apenas na Áustria. “Ostara” circulou onde quer que se falasse a língua alemã.

Tanto na Áustria, como na Alemanha, a agitação social e o anti-semitismo eram componentes de sociedades em transformação no plano econômico, com o agigantamento de uma parcela significativa de descontentes, um proletariado urbano aliado à funcionários públicos e que ameaçavam a segurança das classes dominantes: uma burguesia industriária, banqueiros e uma aristocracia de origem feudal, esta de origem germânica.

Os argumentos em defesa do germanismo davam validade à condição dessas aristocracias como dominantes, pois defendiam sua superioridade frente aos despossuídos, entendidos como racicamente inferiores. A explicação não seria social, mas biológica! Assim sendo, Karl Marx estaria errado pois não haveria luta de classes¹¹, mas de raças. Os argumentos faziam mais, davam-lhes segurança, pois validavam a manutenção das vigentes relações de exploração, enquanto as idéias marxistas ganhavam o leste europeu e a própria Alemanha já no início do século XX, para terror dessas aristocracias.

As idéias do judeu-alemão, Marx, soavam perigosas. A crença rática germânica, aliada à ciência eugenista, prometiam manter o *status quo* em defesa da tradição, da cultura germânica, da sagrada família e da pátria alemã; o comunismo prometia submetê-la à ditadura do proletariado.

Os agentes da mudança eram odiados e taxados como produtos ideológicos das raças inferiores: tanto o comunismo como o capitalismo e a democracia, principalmente, produtos do judaísmo.

A mesma aristocracia carregou o nacionalismo exacerbado germânico e, assim como a maior parte dos movimentos nacionalistas do séc. XX, teve que se organizar inicialmente na clandestinidade para fugir ao assédio dos Estados comprometidos com o Antigo Regime e sua força restauradora, vigentes do Congresso de Viena, em 1815, às revoluções de 1848, na forma da Santa Aliança. Os ambientes de organização política desses movimentos foram então as já existentes sociedades secretas e ocultistas, essas que derivavam, na

¹¹ A idéia da luta de classes perpassa o conjunto da obra de Marx, mais especificamente após 1848 com a publicação do “Manifesto do Partido Comunista”, no qual afirma, em seu primeiro parágrafo, que a história da humanidade é a história da luta de classes.

secreticidade, da perseguição cristã medieval às confrarias, sociedades alquímicas, iniciáticas e demais ordens consideradas heréticas.

Locus de organização do nacionalismo que libertou a maior parte do mundo da opressão das casas monásticas e da dominação estrangeira no séc. XIX; na Alemanha, essas ordens secretas deram luz a um fenômeno anômalo, filho não do nacionalismo, mas de um nacionalismo exacerbado que reivindicava não apenas o direito de existência de uma nação, o reconhecimento e a autodeterminação de seu povo, mas a superioridade desse povo sobre os demais e, com isso, de sua nação sobre todas as outras.

O que demonstra a validade da teoria de Eric Hobsbawn¹² é o fato de que o Partido dos Trabalhadores Alemães, posteriormente designado como Partido Nacional-socialista dos Trabalhadores, que se tornaria o Partido Nazista, havia sido criado pela sociedade *Thule* de Munique, cuja origem, por sua vez, era a secreta *Germanenorden*, fundada em 1912 e formada por aristocratas, industriais e membros proeminentes da sociedade alemã.

Havia critérios rígidos para a admissão de novos membros. Todos tinham que provar descendência puramente ariana, sendo pré-requisitos ainda o tipo e cor de cabelo, de pele, cor dos olhos e formato do crânio. Não apenas anti-semita, a *Thule* era declaradamente anti-democrática e anticomunista, traços que permaneceram quando re-organizada como partido político, por influência de um grupo de discussões de trabalhadores incorporado, em segredo, em 1918.

Um dos documentos que comprovam a ligação é o próprio jornal do partido, *Volkischer Beobachter*, inicialmente o jornal da sociedade *Thule*. Na sua organização, se verifica a ponte entre o presente e o passado germânico idealizado, por meio dos símbolos postos ali em circulação, das runas nórdicas à suástica, esta que já era utilizada como “amuleto” pelos soldados germânicos no *front* da Primeira Guerra.

O conflito que re-configurou a dinâmica e a qualidade das guerras pela incorporação dos adventos da modernidade, da técnica e da ciência para a indústria da morte, levou as baixas a proporções até ali nunca vistas. O medo e a proximidade dos soldados com a morte, cotidiana nas trincheiras européias, fez com os alemães se agarrassem à fé em sua superioridade, agravando o quadro do ultra-nacionalismo.

O fenômeno colaborou ainda mais para a proliferação do ocultismo de Guido Von List, cujas “visões” já eram amplamente conhecidas pelos alemães, sendo o amuleto mais popular, entre soldados e nacionalistas, a suástica.

Como dito, seu uso era comum já nos campos de batalha da Primeira Guerra, para dar sorte e, catalizadora da mística superioridade germânica, afastar seus portadores da morte. Por conta de sua conotação, ela logo foi associada aos pan-germanistas e anti-semitas, dentre os quais, o então cabo do Exército Bávaro, Adolf Hitler.

A *Thule* adotou posturas políticas bem claras já em novembro de 1918, quando seu mestre, Rudolph Von Sebbottendorf, conclamou seu engajamento na luta contra o avanço do socialismo na Alemanha. Em 30 de abril de 1919, junto com outras sociedades secretas, a *Thule* se incorporou aos mais de 20 mil homens que lutaram na sangrenta contra-revolução que depôs a república socialista proclamada em Munique. Desta vez, a suástica não era mais um simples amuleto, estava grafada nos capacetes dos reacionários, contra-revolucionários nacionalistas.

Assim, em 5 de Janeiro de 1919, quando o novo partido foi fundado em uma taverna em Munique, tinha não apenas um programa e símbolos, mas muito bem constituídos, ideologia, cosmovisão e claros inimigos: judeus, comunistas e democratas.

¹² É possível encontrar essa explicação tanto na obra *Nações e Nacionalismos*: desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; quanto nos capítulos “O Nacionalismo” e “Ideologia secular” in: *A era das revoluções*: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.

No núcleo do partido, dentre seus sete fundadores, os pontos se fecham: Alfred Rosenberg, havia sido discípulo de Chamberlain; enquanto Dietrich Eckhard, membro da *Thule*; e Hitler, assim como todos os demais, assíduo leitor do “Ostara” e conhecedor dos escritos de List. Todos eram místicos declarados e esse caráter demonstra os contornos ideológicos de suas ações políticas, marcadas pelo conservadorismo, pelo anti-semitismo e pelo ódio às chamadas “democracias decadentes”.

O inimigo, judeu, no espectro político, tinha o nome de “revolução”, prova de que as doutrinas raciais de Chamberlain estariam certas pois os mais aptos na Rússia, a aristocracia, vencida pelo que chamavam de “vagas bárbaras” de comunistas na Revolução de Outubro de 1917, teriam imposto a desordem por meio de um sistema de governo que privilegiaria os menos aptos, na concepção social-darwinista do nazismo. Biologizando-se o que de fato se explica pelo social, o *status quo* era entendido como natural e assim inalterável. As forças da mudança (como o comunismo), por sua vez, deveriam ser vencidas.

A percepção partilhada dentre os reacionários é a de que tratava-se de um movimento mais amplo em sua concepção, uma conspiração mundial orquestrada por judeus (que teriam tramado tanto a revolução bolchevique na Rússia quanto a organização dos democratas na Alemanha), e que requeria a defesa da civilização por parte dos mais aptos, os arianos. A idéia relacionava a Revolução Russa à origem judaica de Marx e uma falsificação do século XIX, disseminada pela polícia secreta czarista e que ganhou o nome de “Protocolos de Sião”: o plano judeu para “dominar o mundo”.

Na *Thule*, Hitler tomou contato com a obra de Chamberlain e encontrou nela correspondências que vão para além das crenças na mitologia nórdica. O autor inglês casara-se com Eva Wagner, a filha do ídolo de infância de Hitler, o compositor Richard Wagner, expressão maior do romantismo alemão, do anti-semitismo e do pan-germanismo na música.

O *Reich* de mil anos, proclamado por Hitler, é o milênio ariano, defendido por Chamberlain e Lanz, assim como é o cálice sagrado de *Parcifal*, ópera de Wagner, que dizia simbolizar a pureza do sangue. Em sua tetralogia, “O anel de Nibelungo”, fica clara a dimensão mística da obra wagneriana, ligada tanto ao germanismo quanto ao anti-semitismo. As raças inferiores, macacóides (os judeus), representariam a ameaça maior ao que havia de belo e puro no mundo. A hierarquia racial na tetralogia representava a visão de mundo pan-germânica e anti-semita não só de Wagner, mas da aristocracia germânica ao seu tempo. Tratava-se de um instrumento num contexto de luta de classes, não de raças.

A força de Wagner sobre a Alemanha e sua influência posterior foi evidenciada em Linz, onde após assistir à *Rienzi*, o jovem Hitler teria encontrado a inspiração para dar início a sua obra política. Nele, Hitler reconheceu o anti-semitismo, o culto ao passado nórdico e o mito do sangue ariano; noções de política apreendidas através da arte, utilizadas, ambas para a criação de um novo mundo onde a igualdade se daria pelo aniquilamento de todos os desiguais.

A arte foi utilizada na política como propaganda. Uniformes, bandeiras, estandartes, filmes espetaculosos, discursos teatrais, paradas militares grandiloquentes, arquitetura monumental, tudo se referia à glória do antigo, de um passado “revelado”.

O último componente foi trazido por Rudolf Hess, de sua graduação em Economia pela Universidade de Munique: a *Geopolitik* alemã de Karl Haushofer¹³. Nela, a idéia de

¹³ Sobre sua obra, indicamos a leitura de DORPALEN, Andreas. *The world of General Haushofer: geopolitics in action*. New York, Toronto: Farrar & Rinehart, 1942; bem como o próprio autor, in: *Weltpolitik von Heute*.

espaço vital, *Lebensraum*, em Ratzel¹⁴, ganhava forma a partir do estudo cruzado entre população e recursos naturais, culminando na defesa da expansão alemã no continente europeu, entendida como vital para sua sobrevivência.

Na prisão que amargou após o fracassado “*Putsch da Cervejaria*”, a malfadada tentativa de golpe dos nazistas em novembro de 1923, Hitler ordenou todos esses componentes no livro, pessimamente escrito, *Mein Kampf*¹⁵.

Foi ainda na prisão que Hitler tomou contato com a eugenia por meio da obra de Fritz Lenz¹⁶, primeiro professor alemão de higiene racial na Universidade de Munique. O movimento científico internacional, de inspiração darwinista, confluía com sua crença na superioridade ariana frente ao perigo de degeneração imposto pela miscigenação. Suas convicções há muito existentes, na defesa por uma aristocracia racial, ganhavam, naquele novo momento, validade científica.

Espaço vital, eugenia, crença na superioridade alemã e ódio aos judeus. A obra fundacional do nazismo estava repleta de explicações simplistas, delírios visionários, referências que não se sustentavam em bases documentais tampouco em verificações empíricas, pregava o ódio como forma de se alcançar alguma nobreza da alma, além de muito mal escrita, provando uma das muitas limitações intelectuais de Adolf Hitler.

Misticismo, higiene racial, religião e ciência, as raízes profundas do holocausto estavam dadas, faltava os nazistas ganharem o poder e, para Hitler, isso só seria prova da validade de suas convicções. Sua ascensão seria inevitável uma vez que, na ideologia mística do nacional-socialismo, as leis da natureza determinariam o líder do corpo político de uma sociedade notadamente superior como a ariana: o *führer*.

O mito da ciência

A eugenia, o controle da seleção natural, era o credo científico do novo século.

Sob o imperialismo inglês do séc. XIX, o “fardo do homem branco” - o ciclo civilização & barbárie -, ganharia um forte sustentáculo na teoria da evolução de Darwin, que na década de 1820 já estava amplamente difundida. A partir da tese da perpetuação dos mais aptos e do perigo de alterar o curso “natural” da vida (aquele em que os menos aptos desapareceriam), eugenistas acreditavam que não só doenças físicas, mas também deficiências mentais e desvios morais, seriam hereditários e que, portanto, em defesa da vida os incapazes deveriam morrer.

Em nome da raça, os eugenistas também acreditavam que a miscigenação seria responsável pela prole degenerada que se perpetuaria e aniquilaria os mais aptos, tendo em vista que os Estados vinham, erroneamente, garantindo sua existência por meio de políticas públicas de assistência social. O desastre racial adviria daí: os menos aptos se reproduziriam mais e, com isso, existiriam em maior número que os mais aptos. Pela lógica dos racistas, esterilizar os “inferiores” seria uma das formas de reversão da catástrofe iminente.

Da Inglaterra, o movimento eugênico chegou aos Estados Unidos com Charles

Berlin: Zeitgeschichte Verlag, 1934. Há ainda importantes considerações sobre a *Geopolitik* alemã no livro de MELLO, Leonel Itaussú de Almeida. *Quem tem medo de Geopolítica?* São Paulo: EDUSP, Hucitec, 1999.

¹⁴ Sobre sua obra, indicamos a leitura de SEMPLE, Ellen Churchill. *Influences of geographic environment, on the basis of Ratzel's system of anthropo-geography*. New York: Holt, 1930; e sobre a teoria do espaço vital, o próprio autor in: *Geografia*. São Paulo : Atica, 1990.

¹⁵ HITLER, Adolf. *Minha luta*. São Paulo : Moraes, 1983.

¹⁶ Localizamos, na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a obra: BAUR, Erwin; FISCHER, Eugene; LENZ, Fritz. *Human heredity*. London; New York: G. Allen & Unwin Ltd.; The Macmillan Company, 1931.

Davenport e logo adotou posturas agressivas contra negros e imigrantes, com imenso sucesso, a ponto de em 1907 já haver uma primeira lei de esterilização compulsória, adotada por mais de vinte Estados.

Na Suécia, em 1922, foi criado o primeiro instituto oficial de biologia racial do mundo, o “Instituto de Biologia Racial”, em Uppsala; e, em 1934, sua lei de esterilidade foi aprovada por unanimidade.

A eugenia inglesa ganhou o nome de “higiene racial” na Alemanha, termo criado pelo médico Alfred Ploetz em 1895, defendendo que recém-nascidos que se demonstrassem fracos ou deformados deveriam ser mortos pelo próprio médico, por meio de injeções de morfina.

O sucesso da higiene racial, na Alemanha, foi garantido pelo triunfo de Hitler e do Partido Nazista, entendido como um triunfo da própria ciência rracica. A esterilização defendida pelos ingleses seria, na Alemanha, praticada em massa, como prenúncio das mortes em larga escala.

O darwinismo, na Alemanha, teria fortíssimos desdobramentos sociais e políticos: a idéia de igualdade dos homens, tanto iluminista quanto comunista, não parecia cientificamente sustentável (o que só vinha a reforçar uma convicção mitológica pré-existente). O “mantra”, com nome de tese, agora era a “sobrevivência do mais apto”.

Calcada, nesta nova fase, em dados antropológicos e étnicos, a mitologia nórdica encontrava meios não só para explicá-la em termos pseudo-científicos, mas instrumentos para o seu fim: a purgação das raças.

A Antropologia alemã foi além das questões raciais; junto da Biologia constituiu o instrumento de luta de raças, que viabilizaria o “curso natural” das coisas: a vitória dos mais aptos, os arianos. Significava a salvaguarda do futuro por meio de condutas “médicas”, para garantia da sobrevivência da raça humana e sua defesa da destruição: o cruzamento entre-raças.

O primeiro instituto alemão de biologia racial foi fundado em 1927, em Berlim. O “Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia”, presidido por Eugen Fischer, foi o passo inicial para as políticas de Estado que, em nome da sobrevivência, engendrariam a morte de milhões de judeus.

A primeira medida concreta nesse sentido foi dada em 14 de julho de 1933, com a aprovação da lei de prevenção contra a “prole geneticamente doente”, na Alemanha. Cerca de 400 mil pessoas, diagnosticadas como doentes físicas ou mentais (o que incluía da esquizofrenia ao alcoolismo), foram esterilizadas.

Na arma de guerra nazista, um novo componente ganhava novos significados na hierarquia militar: o médico. Não se tratava apenas daquele que atendia aos guerreiros feridos e enfermos; para o nazismo era o mais importante dos combatentes: o guerreiro biológico que lutaria contra os judeus e os miscigenados em busca da vitória: o graal de *Parcifal*, em Wagner, o sangue puro ariano.

As mortes em massa esperavam o momento certo para serem ultimadas, pois as condições históricas estavam reunidas, ainda que todos os seus atores não tivessem, àquele momento, plena consciência disso.

A ascensão dos médicos na hierarquia nazista denota sua importância no esforço de guerra, bem como a natureza da própria guerra que se anunciava, de outras características, biológica e social, contra os judeus.

A privação dos judeus da área médica criou muitas chances para carreiristas oportunistas, que viram maiores possibilidades ainda de ascensão no exército. O critério para o seu sucesso era ideológico, nada mais, a ponto de 45% dos médicos alemães pertencerem ao Partido Nazista, já às vésperas da guerra.

O casamento entre alemães e judeus foi proibido pelas leis de “higiene racial” alemãs, em nome da pureza da raça, como defendera Chamberlain e todos os outros autores “místicos” aqui mencionados, ganhando a feição da legalidade. Tratava-se de uma medida de “higiene”; os desobedientes eram expostos às situações vexatórias, desfilando em público, sob escolta nazista, com dizeres anti-semitas pendurados no corpo.

Havia cerca de 500 mil judeus na Alemanha em 1930, submetidos a este e outros tipos de degradação; e como o anti-semitismo passava a ter uma conotação de medida higienista e progressista, sob pretexto da ameaça da degeneração da espécie humana, seu extermínio era iminente, mas não seria denotador de barbárie, senão da “evolução da ciência médica”.

Como medida articulada à perseguição aos judeus, pretendia-se recriar uma aristocracia no seio do povo germânico, e só assim o homem retornaria à condição de “homem-deus”: essa era a fé que se depositava na ciência rúcica. O germe dessa aristocracia seria o clã da SS, criado para funcionar como uma espécie de reserva biológica ariana.

Sua origem era um grupamento conhecido como “Departamento de Atletismo e Esportes” e que guarnecia as reuniões do Partido Nazista. Seus soldados, atletas não por acaso, guardavam mais; na sua concepção, eram guardiães do deus daquela nova e tenebrosa ciência: o sangue. Seus critérios para admissão eram muito parecidos com os da *Thule*: seus membros deveriam comprovar descendência ariana até 1750, o que nos diz muito sobre o dilema imposto pelo eugenismo; ou seja, voltar ao passado ou utilizar a ciência para depurar o futuro?

Os nazistas adotaram uma resposta híbrida: a ciência permitiria o regresso a uma ordem anterior, projetada para o futuro. O futuro germânico seria assim o antigo milênio ariano, um passado “revelado” como grandioso, de ordem frente às ameaças do caos postas no presente.

Mas dentre duas possibilidades de aplicação: a eugenia “positiva” (melhoria da raça a partir do cruzamento entre seres “superiores”) e a eugenia “negativa” (evitar a reprodução dos “inferiores”), os nazistas recorreram ao extermínio. Estava dada a fórmula do horror final.

Antes mesmo de a eugenia culminar no extermínio em massa de judeus, 400 mil alemães foram esterilizados e, 100 mil, mortos.

Agora as caldeiras poderiam ser acesas, pois as fornalhas seriam re-inventadas. Seleção positiva acompanhada de morte. Faltava apenas a guerra para que a *shoah* ganhasse forma de mobilização e fosse encoberta por sua entenebrecida névoa.

Considerações finais

O ensaísta Arthur Miller, na peça *Incident at Vichy*¹⁷, nos diz por meio de seu personagem Leduc: “- *Each man has his Jew; it is the other*”; a quem se deve imputar todas as culpas e recalamentos. Nesses termos, se é bem mais fácil viver quando se ama alguém; o mesmo funciona para quando se odeia. Humano ou demônio, de existência concreta ou abstrata, o humano busca fora de si os culpados por sua condição interior e por seus atos, na falta de um espelho para a condição humana refletir a si.

O outro dos ingleses, durante muito tempo, foram os indianos e seguem sendo os africanos; dos alemães, hoje, são os turcos; dos estadunidenses, gravemente, foram os negros no passado e no presente, neste que cabem ainda os “xicanos”; dos paulistas, os

¹⁷ Disponível em livro, na publicação *Incident at Vichy: A Play*. New York: Penguin Books, 1994.

nordestinos e bolivianos.

O mesmo Arthur Miller nos diz que os próprios judeus têm os seus judeus, e que a maior parte da humanidade está condenada por causa de sua origem.

Para os nazistas, ou outro era o judeu, o eslavo, o cigano e o negro por conta de sua “raça”. Os comunistas, homossexuais, maçons, Testemunhas de Jeová, doentes mentais e deficientes físicos seriam produto de sua degeneração.

Estava aberta a tortuosa e tenebrosa estrada para os assassinatos em massa, das execuções por fuzilamento às sofisticadas câmaras de gás, os judeus pereceriam simplesmente por existir.